



QI

Guia da vida contemporânea

Drauzio Varella: a perigosa ilusão com os complementos alimentares **61**

Estilo: Roger Moore foi o James Bond que nunca se levou a sério **62**

Papinho Gourmet: despedida com um sabor meio amargo na boca **62**



QI/Curitiba, 1 e 2

Felizmente, como diria Nelson Rodrigues, “toda unanimidade é burra”. No Paraná, a contracultura, às duras penas, resiste à recém-instalada “República de Curitiba”. Não com armas, violência nem PowerPoint, mas com ideias e debates. A jurisprudência dos revolucionários está contida nos versos do imortal poeta, escritor, compositor, jornalista, tradutor e publicitário curitibano Paulo Leminski (*Em la lucha de clases/ todas las armas son buenas/ piedras/ noches/ poemas*).

“Meu pai nunca foi engajado em partidos políticos, mas esteve sempre envolvido na defesa da democracia e dos direitos individuais. A literatura foi sua arma”, diz a jornalista Áurea Leminski. “Os poemas, versos e textos deixados traduzem seu pensamento e sua luta”.

Em toda sua obra, Leminski foi contundente. Áurea lembra que ele sempre escreveu e afirmou que Curitiba era uma cidade conservadora e provinciana. “Se essas opiniões provocam críticas, imagine há 30 ou 40 anos atrás?”

Hoje, além dos partidos políticos e movimentos sociais organizados, é possível encontrar resiliência dos herdeiros de Leminski em locais arejados e democráticos da cidade, como cafés, bares, livrarias e universidades. Redutos minoritários, porém atuantes e capazes de compreender e debater todo esse processo. Mas, para entendê-los, é preciso uma exposição mais ampla. Caso contrário, as aparências enganam.

Em Curitiba, agências de turismo oferecem aos visitantes que desembarcam na cidade a opção de incluir nos *tours* uma visita à sede da Justiça Federal, onde o juiz Sérgio Moro despacha. Pelas ruas dos bairros nobres pode-se contar centenas

ou milhares de bandeiras verde-amarelas estendidas nas janelas e sacadas dos apartamentos. Segundo estimativas de integrantes do movimento “Curitiba contra a Corrupção”, transitam pela capital paranaense mais de 100 mil veículos com o adesivo “Lava Jato. Eu apoio”. Na praça defronte ao prédio da Justiça Federal, ambulantes vendem camisetas estampadas com o rosto de Moro e uma agenda cuja capa é a réplica de um passaporte oficial, onde se lê República de Curitiba.

Enquanto isso, Sérgio Moro vive intensamente os dias de glória. Sua página no Facebook é seguida por mais de 850 mil pessoas. Freqüentador de shows e peças de teatro, não se inibe em levantar, cumprimentar e agradecer à plateia sob intensos aplausos. Não raro, atores e músicos fazem questão de reverenciar o magistrado. Mais aplausos. Colunistas

sociais, uma prática já em desuso no jornalismo moderno, reproduzem os fatos com grande destaque, afinal, a República de Curitiba tem seu herói.

Para o economista, professor e ex-reitor da Universidade Federal do Paraná, José Henrique de Faria, doutor em Administração e pós-doutorado pela Universidade de Michigan (EUA), Curitiba é uma cidade conservadora desde seus

O herói da Lava Jato é aplaudido em cena aberta. Mas está longe de ser unanimidade



Áurea Leminski.

“Se hoje é assim, tão conservadora, imagina 30 anos atrás”



primórdios. Cita o histórico político da cidade em três exemplos clássicos. Em 1955, o integralista Plínio Salgado foi o candidato a presidente de República mais votado. Em 1989, foi a vez do liberal Guilherme Afif Domingos. No ano passado, na eleição para a prefeitura de Curitiba, os partidos considerados progressistas chegaram a 5% da votação.

Na sua opinião, a “República de Curitiba” nasce de um processo que envolve uma sociedade conservadora somada a um modelo jurídico-político que se coloca de forma paralela à República brasileira. “É como se aqui houvesse uma autonomia para determinadas práticas,

RAMSÉS REZENDE · ROBERTO ROBERTO
PARIZOTTI · RENÉ RUSCHEL



10 de maio. No protesto a favor de Lula, não dá para dizer que eram todos de fora

compra de uma colheitadeira, fui chamado de comunista.”

Eleitor de José Mujica e Tabaré Vázquez nas últimas eleições uruguaias, engrossa o rol dos que veem o conservadorismo curitibano como combustível para a formação da República local. “Curitiba é uma cidade elitista, onde o individualismo e o preconceito estão explícitos”, afirmou. A Operação Lava Jato apenas realça e demonstra tais práticas. “O preconceito contra o presidente Lula é latente. Uma grande orquestração que envolve a sociedade, a mídia, o Judiciário e o Ministério Público. O que a grande massa não percebe é que por trás de todo esse jogo estão os interesses de uma elite que busca o poder a qualquer preço.”

O PT, segundo ele, cometeu inúmeros erros no governo e nada isenta os envolvidos em atos de corrupção. “Nen-

hum homem público escaparia de um confronto com a Justiça. A corrupção é sistêmica, está no DNA dos governos e do próprio Estado brasileiro. Ou alguém imagina que não houve corrupção no processo de privatização do governo Fernando Henrique Cardoso?”

No caso da Lava Jato, diz ele, Sergio Moro é parcial em suas decisões. Cita como exemplo a delação dos

executivos do Grupo JBS que envolveu o senador tucano Aécio Neves. Acha pouco provável, para não dizer impossível, que o juiz não tivesse evidências claras da corrupção que envolve o ex-governador de Minas, ainda mais com a colaboração da Polícia Federal e do Ministério Público. “Ele foi um dos personagens mais citados em outras delações e o juiz não

um Estado à parte. A Operação Lava Jato mereceria respeito, caso fosse conduzida com imparcialidade.”

Para ele, a atuação do juiz Sergio Moro não visa investigar o processo de corrupção no Brasil, mas apenas de um partido. “Quando alguns nomes foram mencionados nas delações, a alegação era que não faziam parte das investigações. Mas, afinal, o objetivo é exterminar um partido e seus militantes ou acabar com a corrupção?”, questiona. Ainda segundo Faria, todo o processo tem sido conduzido para uma atividade política bem definida. “O alvo chama-se Luiz Inácio Lula da Silva.”

Miguel de Cárcova Gutiérrez, 86 anos, é assíduo frequentador de um café no

Centro de Curitiba. Possui tripla cidadania: espanhola, uruguaia e brasileira. O pai, exilado no Uruguai em 1936, era republicano e escapou da ditadura de Franco. “Miguelito” deixou a terra natal em 1943, em uma operação que envolveu o governo Suíço e a Cruz Vermelha Internacional, para morar no Uruguai. Graduado em Agronomia, veio viver no Brasil em 1958. “Ao chegar em Curitiba, no início da década de 1960, percebi o conservadorismo da sociedade local. Quando propus a formação de uma cooperativa de agricultores para a



José Henrique de Faria.

“A cultura conservadora se associou a um sistema que se coloca à parte”



QI/Curitiba, 1 e 2

moveu uma palha para investigar-lo. Agora, tudo veio à tona. Moro deixou passar encoberto, como se olhasse para os lados, enquanto o ladrão fugia. Foi uma negligência proposital.”

Um prédio antigo de frente à reitoria da Universidade Federal do Paraná guarda um enorme tesouro cultural e literário de Curitiba. O acesso é por uma porta única, pequena. Qualquer cidadão apressado passaria despercebido. Mas há quase meio século, a ser completado no ano que vem, esse espaço armazena cerca de 80 mil títulos de livros e obras raras. Aramis Chain, o proprietário, é um ex-vendedor de enciclopédias *Barsa* e *Britânica*, graduado em História que, orgulhosamente, diz que é o “primeiro a chegar e o último a sair”.

Pelo corredores e estantes já circularam milhares de estudantes. Uma prática tornou-o conhecido entre eles: quem não tem dinheiro leva o livro e assume o compromisso de devolver. “Ainda preservo o contrato do fio de bigode. Vale a palavra.” Em 1993, uma pesquisa nacional do setor apontou sua livraria como a melhor do País. Valeu uma matéria de página inteira na *Folha de S. Paulo*. A prova está estampada em um quadro na parede de seu escritório.

Chain é o que se pode chamar de homem conservador. Há anos anula seu voto. O festival de corrupção que assola o País o deixa mais convicto de sua atitude. Evita discutir política. Seu assunto preferido são os livros e a importância do incentivo à leitura. “Político não compra livros. Só aparecem aqui no dia do lançamento de alguma obra para ficar na fila e cumprimentar as pessoas.



Miguel Gutiérrez.

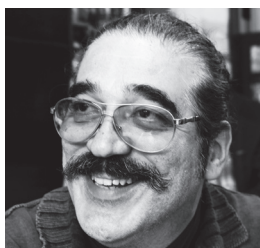
Eleitor de Mujica, ele diz que aqui a elite busca o poder a qualquer preço

Como podem apresentar projetos que estimulem o hábito da leitura?”

E quanto à corrupção? “São hábeis na arte”, afirma com ironia. Para ele, a Operação Lava Jato é um processo que qualquer cidadão brasileiro aprova e Sergio Moro é apenas um juiz que cumpre sua função. Não vê motivos para

o “endeusarem” como fazem seus áulicos. “O papel da Justiça é esse. Mas todo excesso é perigoso. Espero que ele aja com parcimônia e justiça, como deve ser qualquer magistrado”. Descarta o que chama de “rótulo para a República de Curitiba”.

Nas paredes da livraria, além de livros, Chain cola páginas de recortes de jornais e revistas com maté-



Wellington Borges.

O preto monocromático de Moro sugere mais um carrasco do que um juiz

rias de destaques. O juiz Sérgio Moro age com isenção? Chain reluta. “Espero que sim.” Mas critica o excesso de exposição na mídia. “Acho que ele se excede. Um juiz deve se resguardar. Aliás, ele e o ministro Gilmar Mendes, do STF”, conclui.

Em uma das esquinas mais movimentadas de Curitiba, o Stuart reina

absoluto. Fundado em 1904, o bar é considerado patrimônio histórico da cidade. Reduto de profissionais liberais, jornalistas, intelectuais, boêmios e políticos – estes, por razões óbvias bastante ausentes –, tem como um de seus pratos mais tradicionais os testículos de touro. Wellington Borges Costa, o “Wella”, além de frequentador assíduo, é professor de Literatura e Redação do curso Positivo. Formado em Letras pela USP, esse paulista-nomora há 22 anos na capital do Paraná.

“Sou um curitibano emancipado”, afirma.

Professor de cursinho

pré-vestibular, Wella convive há décadas com um público bastante jovem. “São desinformados e poucos, ou raros, têm o hábito da leitura. Alheios à realidade política e filhos de uma geração voltada para a internet e as redes sociais.” Para ele, a onda reacionária que

rege a República de Curitiba não é um fenômeno local, mas mundial. “Talvez em Curitiba ela encontre nutrientes ideológicos mais apropriados. Mas a regra é geral.”

Não vê isenção em Sérgio Moro como magistrado. “Sua postura é de um policial federal, de um advogado de acusação. Vestido de preto monocromático, mais parece um carrasco que juiz. Excessivamente vaidoso, faz uso das redes sociais para quase 900 mil pessoas. Sua página no Facebook é um exemplo disso.”

Apesar de tudo, Wella é otimista. “A juventude progressista sempre soube se reciclar e criar novas lideranças. Não vejo nas alas conservadoras essa mesma movimentação. Mas as mudanças só virão se houver povo nas ruas.”

O que os herdeiros de Leminski querem entender é por que as denúncias que envolvem políticos do PSDB, e agora do PMDB, não recebem o mesmo tratamento da Justiça na República de Curitiba. •

“A juventude vai se reciclar, criar novos líderes. Mas mudanças, só com o povo na rua” (Wella)